

Náufragos em terra firme

Sou realista: só ando com meus fantasmas.
(Clarice Lispector)

Em seu longa-metragem intitulado *Revolutionary Road* (EUA/Reino Unido, 2008), Sam Mendes revisita a miséria neurótica da classe média estadunidense, a exemplo do que fizera em seu filme de estreia, *Beleza Americana*. A lamentável tradução do título em português (*Foi apenas um sonho*) trai o espírito do filme, uma vez que seus personagens se veem às voltas, justamente, com o desmoronamento do sonho americano de realização e de sucesso. Esse é o pesadelo do qual não podem despertar.

Frank Wheeler é um homem à deriva. Por não saber o que quer, acomoda-se em um emprego burocrático no qual a palavra de ordem é não trabalhar; já sua esposa April acredita ter fracassado como atriz, contentando-se com o papel de esposa e mãe, que desempenha quase que a contragosto.

Belos e talentosos, pais de duas crianças saudáveis, estão à beira do precipício, pois já não podem suportar o inferno conjugal em que suas vidas se transformaram. Frank com seu emprego medíocre, que despreza; April, por sua vez, renunciando à carreira dramática por não se considerar à altura do papel. Atormentam-se mutuamente, levando uma vida de fachada, a gosto do *stablishment*.

Este jovem casal renunciara àquilo que inicialmente os movera em nome da garantia oferecida pelo serviço dos bens: um emprego que permitira a compra de uma sólida e confortável casa de subúrbio, essa espécie de paraíso artificial onde a pequena burguesia estadunidense afoga o desejo em *cocktails* e tédio. (“Green grass, blue eyes, grey sky, God bless / Silent pain and happiness”, como na estrofe de Caetano Veloso).

Ao perceberem que haviam se tornado apenas a promessa frustrada do brilhante futuro ao qual acreditavam-se predestinados, resta-lhes o fel da ressaca de uma celebração à qual supõem não terem sido convidados. Creem que a vida acontece alhures, em Paris, essa eterna festa; procuram desesperadamente uma saída, evitando entrar na vida que é, para cada um, a sua, e de dentro dela, fazer outra coisa.

Em um lance derradeiro, certo dia April propõe que eles finalmente tentem a sorte em Paris, onde Frank, no passado, relata ter experimentado algo de verdadeiro – “Aquilo era real”, ele diz -, deixando para trás a pacata e insípida vida de aparências que é a deles, morando em uma rua de subúrbio paradoxal e ironicamente chamada *Revolutionary road*. Inicialmente

tomados por essa decisão vivem momentos febris, mas Frank recua, seduzido pela perspectiva de uma posição melhor, assim como de um salário maior na firma onde trabalha, conquistados por acaso por meio de uma *blague* – não por seu empenho e suor.

Frank nada quer saber do fato de que não sabe o que quer. Desconhecendo – sem, no entanto, ignorar – o desejo que o movera na juventude e que se encontra adormecido pelo falacioso sono da razão, prefere o conforto de uma promoção advinda por meio de uma atitude na qual este – seu desejo – não estivera implicado.

O argumento decisivo, invocado pelo presidente da empresa, é de que aceitando o novo posto Frank estaria honrando a memória de seu pai, um antigo funcionário sem ambições por quem, na juventude, nutria apenas um condescendente desprezo. Finalmente reconciliado com o pai, Frank se vale da inesperada terceira gestação da esposa para recuar de sua decisão. O fato, somado à promessa de ascensão profissional, resulta no álibi perfeito para sua covardia moral. O tributo prestado ao pai é a pá de cal lançada sobre o desejo. Frank não se serve do pai, esse significante que autoriza um sujeito a se lançar no mundo; ao contrário, ao pretender salvar o pai sem dele se servir, toma o caminho de sua perdição.

April, uma espécie de Lady Macbeth às avessas, insiste, convocando o sujeito que há em Frank a tomar posição: “Se você não se arriscar, como poderá falhar?”, ela provoca. Vemos aí que justamente não se trata de ser bem sucedido, mas da possibilidade de falhar – tropeço que indica estarmos no caminho traçado pelo desejo. Seria preciso que algo falhasse para que um pouco de ar pudesse circular entre esse casal sufocado por um cotidiano amargo e sem perspectivas. Seria preciso consentir na infelicidade comum que o *american way of life*, aparentemente sem mácula, recusa feroz e sintomaticamente.

Frank, contudo, não cede aos apelos da esposa, deixando-a só, sem a chance de uma vida renovada, outra em relação a esta em que eles naufragam em terra firme, aquela dos bravos e livres. Tal como inseto na vidraça April se debate inutilmente, à procura de uma pequena brecha na transparência fria de onde vislumbra a miragem de sua Pasárgada.

Mas, parodiando outro poeta, Paris é apenas uma dolorosa fotografia na parede da memória. Abortado o ato, resta à mulher em escombros em que a jovem atriz se tornou a passagem ao ato de um aborto levado a cabo em um tempo prescrito para ambos.

Renunciando ao sonho, cuja matéria-prima é o desejo inconsciente – esse real de que somos feitos, as consequências são, inevitavelmente, funestas. O preço a pagar pela renúncia ao desejo, em nome dos ideais, é sempre alto – o custo de uma vida.

Uma vez calado o desejo, o resto é silêncio.